



A deseducação: quebrem as ferramentas do mestre

Estela Oliveira ¹

Te convido a vir comigo na longa introdução que é a descoberta de si. Te convido a vim comigo nessa longa estrada cheia de idas e vindas. Te convido a vim comigo no caminho que foi manchado pela colonização branca. Eu te convido a questionar o nosso passado, presente e futuro porque eu acredito nele e você?

Esse desabafo em forma de texto, é minha licença poética para respirar em meio a institucionalização supremacista do conhecimento, ao mesmo tempo que falo para você aquilo que tanto me aflige. Inspirada no livro *“A deseducação do negro”* de Carter G. Woodson (2018) direciono meu olhar à afrocentralidade da educação que me foi negada por um tempo. Na verdade, não só a mim, mas provavelmente, também foi a você! “É preciso considerar que tudo aquilo que é negado na formação cultural do Brasil também é negado na escola brasileira,”² Mas, ela não só foi simplesmente negada exigiu-se, por conseguinte, uma estratégia de inferiorização.

Para a maioria de nós educadoras/es, população pobre, preta a educação significa um portal de transformação, seja como um processo indispensável ao conhecimento, status, profissionalização e ascensão social. Para nós ela é vista como essencial. Você já reparou como as pessoas a veem? Eu estou falando da educação formal, escolar, institucionalizada. Já pensou? Mas também já parou para pensar nas distorções que ela causa? Vem causando ou até mesmo foi pensada para causar?

Por razões da colonização, os movimentos sociais negros e de minorias buscaram a partir da educação formal a inserção social, econômica e política. A pensadora afroamericana bell hooks (2019)³ explica que ao mesmo tempo que essas comunidades negras norte americana viam a escola enquanto saída de uma situação de subjugação racial por meio da inclusão na mesma, ela, a escola, produzia o papel de alienação social, cujo objetivo era educar crianças e jovens por meio de um ensino que os conhecimentos passados estivessem aquém das suas realidades. Entretanto, não só através do

¹ Mestra em Relações Étnicas e Contemporaneidade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia. E-mail: estelasoliveira18@gmail.com

² LIMA, Maria Nazaré Mota de. Relações étnico-raciais na escola: o papel das linguagens/ Maria Nazaré Mota de Lima. - Salvador: EDUNEB, 2015.

³ HOOKS, Bell, 1992 - Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra / bell hooks: tradução de Cátia Bocaiúva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

apagamento do conhecimento se produzia a alienação, era preciso invisibilizar para propagar as ideias e saberes do colonizador para disseminar uma narrativa dominante, uma falsa ideia de superioridade. Se você é da área de educação sabe bem do que estou falando, talvez não tenha racializado a questão, mas se acredita que a educação brasileira não tem ensinado, logo entende que ela não tem ensinado quase nada a ninguém e principalmente sobre a nossa diversidade cultural e identitária.

No Brasil, a escola, principalmente a pública, é resultado de uma luta popular pelo direito à educação e é entendida como parte do processo de emancipação social. No entanto, a escola se construiu historicamente enquanto uma instituição reguladora marcada pelas regras, normas e rituais, pela divisão dos conteúdos, pelo cognitivismo, pela ideia do conhecimento científico como única e privilegiada forma de saber, pela ordem e pelo disciplinamento dos corpos.⁴

As universidades brasileiras são eurocêntricas. A *estrutura universitária* nasce eurocentrada, e muito provavelmente morrerá assim. Tudo que está dentro dela segue este mesmo caminho, e isto quer dizer que formar pessoas significa embranquece-las para manter o curso dessa estrutura presente na escola e na universidade. E o ciclo não parou, só mudou durante seu curso contínuo. As escolas da Educação Básica, como ponderado pelas autoras, anteriormente, foram pensadas para formar pessoas a partir de uma matriz monocultural. Todas as disciplinas e áreas são baseadas em raízes europeias, ou quando não, desbotam qualquer outra cor que possa aparecer nos livros didáticos. Devemos sempre lembrar: mesmo quando/se fizermos uma universidade plural, com matrizes multifacetárias, a forma como as disciplinas se dividem, a percepção cartesiana, o foco utilitário dos aprendizados, da disposição das cadeiras e corpos em sala até a forma institucional de validação do aprendizado, ainda sim, será europeia.

Isto é um problema? Ser Europeia? Não necessariamente, mas é algo que deve ser pontuado. Devemos entender que estruturas também possuem cor, e nem sempre essas cores são tingidas pelos corpos que a fazem funcionar. Vejamos o caso que a Faculdade Zumbi dos Palmares nos aponta:

Desenvolvida ao longo de quatro anos, em parceria com o Núcleo de Políticas e Estratégias da Universidade de São Paulo e da Universidade Metodista de Piracicaba, a Faculdade Zumbi dos Palmares emergiu como um dos vários projetos da Afrobras com a finalidade de valorizar, qualificar, capacitar, formar, informar e dar visibilidade ao negro paulista brasileiro. Dessa forma, é a primeira Faculdade privada do Brasil e da América Latina que têm como principal objetivo incluir e manter o negro no ensino superior. Além de ter uma margem de mais ou menos 85% de alunos que se assumem negros e/ou afrodescendentes, a Faculdade prima por compor seu corpo docente com um total de pelo menos 40% de professores negros e/ou afrodescendentes.⁵

Através das informações trazidas na Tese de Doutorado de Eliane Silva Campos sobre a inclusão de alunos e alunas afrodescendente no curso de pedagogia de uma faculdade de cunho étnico-racial, é possível perceber que seu quadro docente, ainda é composto majoritariamente por professores e professoras não-negres. Com um

⁴ GOMES, Nilma Lino. O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: RJ, Vozes, 2017.

⁵ CAMPOS, Elane Silva. Formação docente e relações étnico raciais na educação: reflexões sobre identidade afrodescendente / Elane Silva Campos – São Paulo, 2016.

contingente de 85% do corpo discente afrodescendente, me espanta pensar que a maioria dos seus professores e professoras, provavelmente são brancos.

Dispor de um corpo docente de maioria negra não exprime com certeza que toda a formação que estes estudantes receberão serão de cunho antirracista ou que professores e professoras brancas/os não sejam aliadas a causa, no entanto, através dos resultados de sua pesquisa entedemos como uma maioria docente negra poderia diferenciar a percepção das/dos futuras/os pedagogas/os. Dos três resultados encontrados após a análise das entrevistas individuais realizadas com as/os discentes negras da instituição e em formação em pedagogia ela chegou aos seguintes resultados: 1) que alguns alunos mostraram-se favoráveis à proposta de formação pedagógica da Faculdade em questão, por esta evidenciar no currículo a história e cultura dos afrodescendentes em todos os cursos, enquanto outros sujeitos da pesquisa manifestaram crítica negativa, quanto ao indicativo afroamericano (EUA) como referencial do processo educacional da Instituição; [...] 3) que a formação educacional e a construção identitária de afrodescendentes em uma instituição educacional de cunho étnico racial não necessariamente pode garantir sua inclusão nos âmbitos social e profissional.

Considerando a análise feita, é possível ponderar que o reconhecimento por meio da representação social têm sido difundido como estratégias pontuais, em desconexão e contextualidade; a cultura afrobrasileira continua sendo invisibilizada ainda quando um currículo é pautado na perspectiva antirracista; e que a pouca representação profissional negra no espaço acadêmico de própria formação, talvez, faça as/os entrevistadas/os não vislumbrarem uma inserção no mundo profissional, já que seus repertórios não se encontram tão presentes ali. Com isto, a Lei nº 10.639 de 2003 vem demonstrando o abismo que existe entre a teoria e a prática. Sobre a implementação das leis que obrigam as instituições públicas e privadas ensinarem as histórias e culturas negras e indígenas no Brasil.

É importante a compreensão de que as ações da escola não estão totalmente engessadas pelo estado e que os seus atores simplesmente cumprem de forma verticalizada as determinações. No caso das DCNERER (2004) o movimento de resistência e de subversão à lógica colonial e monocultural do currículo escolar se deu anterior à ação do Estado e, no fazer pedagógico, mesmo com as diretrizes oficiais, ainda há movimento de resistência de alguns professores.⁶

Vou te propor um exercício. Proponho que você conte quantas/os professoras/es universitárias/os negras/os você teve ou tem, e até mesmo tem enquanto colega de trabalho. Posso informar que na minha graduação tive três, portanto, somente uma delas ministrava aulas sobre relações étnico-raciais, a partir da disciplina currículo. Como

⁶ MARQUES, E. P. S; OLIVEIRA CALDERONI, V. A. M. de. A implementação das diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais: a lógica da colonialidade no Currículo escolar. Revista da ABPN, v. 12, no 32 - março - maio 2020, p. 97-119

podemos cessar os marcadores que interseccionam esses corpos negros colonizados? A religião, a família, a escola, o Estado, todas instituições cruciais para formação identitária de indivíduos estão embranquecidas pelas veias do eurocentrismo patriarcal, e isto com certeza se configura como um obstáculo para as leis e suas Diretrizes Curriculares Nacionais das Relações Étnico Raciais.

Em meu percurso formativo estive em contato com a política de embranquecimento e vivo numa constante luta contra ela. Acredito que diferente do que acreditamos ter sido em um período pontual da história, a política de branqueamento no nosso país - início do século XX -, não se findou com a nacionalização/homogeneização dos símbolos culturais das três raças, pois ela continua, firme e forte, você vê?

Você já deve ter ouvido essas duas frases: “Você vê racismo em tudo!” e “Eu vejo racismo em tudo!”. As frases são iguais, usam dos mesmos artifícios linguísticos para comunicar sobre o racismo, mas a primeira provavelmente foi proferida por uma pessoa racista ou alienada e a outra por uma pessoa que se tornou consciente do que é o racismo, e ela muito provavelmente é vítima dele. Desculpem as muitas interrogações nesse texto, mas não poderei deixar de fazê-las, eu quero conversar com você que me lê, pensando bem, mais que isso, quero que você converse consigo.

Voltando ao meu processo formativo, posso te dizer que a educação formal se configurou como uma agente de transformação, entretanto, ela sozinha não pode realizar tal feito. Nesses memoriais que a academia insiste que a gente faça, escrevi todo meu percurso formativo, mas depois entendi que a emancipação me exigia isto. Para nós, a emancipação é uma questão coletiva e portanto, não se entende a emancipação sem antes pensar quais relações foram estabelecidas para hoje termos pensamentos e atitudes autônomas. Autonomia não se trata de individualidade. Portanto, para que rompamos com o aprisionamento colonial da mente precisamos romper com a forma que alcançaremos a nossa liberdade. E esta com certeza, não será alcançada pedido licença para entrar.

Ao tempo que refiz os passos da minha caminhada na vida (digo vida porque não tive um ano sequer que não estive estudando o ocidente), rememorar todos os agentes de transformação e emancipação que estive em contato, me fez pensar com mais certeza quais foram os fatores que me auxiliaram em ser quem estou hoje. *Como a vida é um eterno devir, não me limitarei a afirmação limitante de Ser.*

Pedagogias em questão

Contrariando o senso comum que nos vêm, as pedagogas, apenas como tias das creches e babás de seus filhos, a Pedagogia é um campo de atuação muito vasto, pois poucas coisas são tão vastas como ensinar. E ensinar é, ou ao menos deve ser, tão múltiplo quanto as pessoas a quem ensinamos. Na área podemos trabalhar tanto em escolas enquanto gestores, coordenadores, professores, assim como também podemos auxiliar nos mais diversos processos de formação como empresas dos mais diversos portes.

Devemos compreender que os espaços pedagógicos vão muito além das escolas, e vão além das próprias instituições.

A visão pedagógica, como uma atividade unicamente institucional, também é eurocêntrica. A pedagogia não deve ser impositiva, mas contextualista. Ensinar não é apenas uma profissão mediada a interesses de produção, profissionalização e troca de capital. Ensinar é uma atividade de preparação para a vida no ambiente a qual se encontra pela transmissão da cultura em que se localiza. Então, devemos nos perguntar: Para que vida estamos nos preparando? Para que cultura estamos nos cultivando? Qual o reflexo dessa cultura em mim? Porém, devemos admitir antemão: em nossa educação impositiva e universalista, cheia de métodos, práticas e culturas que não condizem de forma verdadeiramente compatível com nossas experiências, o movimento de transgressão é nossa primeira forma de um verdadeiro ensino, um ensino para a autonomia do indivíduo e não para a mera reprodução.

Certa vez, em uma disciplina, eu tinha três atividades a realizar para que fosse aprovada. A primeira atividade era um portfólio, a segunda um seminário e a terceira a escrita de um artigo. Tal artigo deveria ser uma associação de nossas experiências práticas com as recomendações e percepções teóricas de um texto escolhido previamente no início da disciplina. Quando cheguei no final semestre, devo admitir que não consegui escrever o artigo. A realidade da sala de aula só poderia ser associada às recomendações de tal autor se eu realizasse uma pá de malabarismos hermenêuticos, se eu mentisse, pois, a única coisa que percebia era que aquilo, de forma prática, não tinha nada a ver com a realidade que eu estava vivenciando. Esse caso como outros, evidenciam a questão central deste texto: Se não são dos problemas da experiência que surgem a busca por ideias que se adequem, podemos moderadamente considerar que já existem ideias determinadas e, durante nossa formação, somos orientados a compilar uma caixinha dessas teorias para aplicá-las ao cotidiano. Porém, qual a cor dessas teses?

Há três cânones da Pedagogia a qual, comumente, todos nós passamos: Vygotsky, Piaget e Wallon. Esses três autores falam sobre a psicologia do desenvolvimento humano, em especial, o infantil. O que eles dizem, de fato, de alguma forma pode nos servir como um parâmetro. Mas, quais são as cores das crianças que serviram de parâmetro para os seus estudos? Como as culturas que projetam o cognitivismo promovem o comportamento transgressor? O que de fato é transgressão?

É comum encontrarmos escolas e profissionais da pedagogia que assumem rótulos de Piagetianas, Wallonianas, Vygotskianas, que acreditam naquele método fechado e pronto. Quando a escola se classifica como “escola construtivista a partir das ideias de Piaget”, o que podemos perceber é algo fora do contexto em que se encontra, que basicamente diz: me fechei nesse modelo, esta é a minha crença e não importa se a criança não corresponde à teoria x ou y. Se têm algo que não está certo, provavelmente recai no educando, o dito que não se encaixa, pois a condução da teoria nunca será o problema, muito menos a teoria em si.

Qualquer autor que vá racializar a forma como podemos trabalhar com outrem é importante para a pedagogia. Isto já nos auxiliaria a desfazer muitas das ideias falsas de pessoas que creem que utilizar unicamente um método, a exemplo do interacionismo piagetiano com crianças negras, com crianças pobres, com crianças negras e pobres pode ser de fato eficaz em sua essência. A questão é que o erro não está no método em si mas sim na aplicação do mesmo sem pensar a diversidade humana, cultural, econômica, isto é social. Mas reiteramos, que ajustes já estão sendo aplicados há muito tempo em nossas escolas. E por isso, me incomoda pensar, por que sempre “O mesmo”⁷?

Nos últimos tempos tem-se pensado na implantação de modelos de gestão de escolas militares nas escolas públicas civis. O que se espera é que tenhamos cada vez mais escolas deste tipo. Segundo muitos de seus defensores, os índices de aprendizado e aprovação destes modelos são maiores, porém, mesmo ignorando a complexa discussão que envolve, nos perguntamos: que aprendizado e que aprovação são essas, devemos parar brevemente e refletirmos quem são essas crianças e jovens estudantes de escolas militares.

Na maioria dos colégios militares, a maior parcela da população discente é constituída por filhas/os de militares. Estas crianças cresceram desde a tenra infância até o ensino médio em um ambiente totalmente diferente da maioria da população. Não apenas por questões de dicotomias civil/militar, mas também por questões de classe, que também, muitas das vezes, não podem, neste país, serem apartadas da questão racial. A aplicação deste modelo, como todas as frustradas tentativas violentas de universalização, é repetir a descontextualização em culto a um método. Estamos, o tempo todo, tentando utilizar modelos no lugar e não cabe, pois há diversas outras intersecções que interferem na construção da subjetividade, na construção cognitiva das pessoas, na construção de professores. Mas nesse caso, será que o objetivo está em alcançar um melhor IDEB⁸ ou exercer o controle sobre os corpo-mente de crianças e jovens não seja mais urgente nesse modelo?

Fanon, conclui em *Pele negra, máscaras brancas*⁹, que não se tornará um escravo da cor, nem do passado e apela que o seu corpo enquanto um corpo humano sempre o faça questionar. Leio Frantz Fanon nesta obra como um pessimista consciente, que encontrou a terceira saída no binarismo ocidental do qual nos colocamos, através da busca pela desalienação ele viveu o presente, utilizando dos artifícios da natureza da desconfiança. Desconfiar, no caso, se trata em não enganar-se pelas certezas criadas para

⁷ O norte global.

⁸ O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) foi criado em 2007 e reúne, em um só indicador, os resultados de dois conceitos igualmente importantes para a qualidade da educação: o fluxo escolar e as médias de desempenho nas avaliações. O Ideb é calculado a partir dos dados sobre aprovação escolar, obtidos no Censo Escolar, e das médias de desempenho no Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb). (texto retirado do site Ministério da Educação)

⁹ FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

existência. É não se colocar no dever ou no direito, pois ele diz que *devo me lembrar, a todo instante, que o verdadeiro salto consiste em introduzir a invenção na existência*¹⁰

Por isso, é preciso que façamos algumas perguntas em que pese a emancipação. Primeiro, entender quem se é e isto requer entender quem somos; porque somos; como somos e como podemos ser. Onde estão os nossos? Quem são os nossos? Como são nossas formas de fazer? São outras inquietações que envolvem o fazer, o presente e o possível futuro.

Ainda existem formas de emancipação do povo africano. A capoeira e o candomblé nos mostram as possíveis formas de ainda se ter uma matriz africana de vivência em diáspora e a resposta à invenção da existência trazida por Fanon. Essas manifestações afro-brasileiras não se reduzem ao que o passado insiste em nomear de resistência. Elas são maiores que viver em prol da colonização por meio de resistência. Talvez no passado ela tenha sido mais aguerrida nesse sentido, mas isso não impediam negros e negras em professar sua fé, sua corporeidade e de vivenciar o espírito em sua completude. Ainda hoje somos alvos de ataques da sociedade por sermos “Povo de Santo”, a intolerância e o racismo religioso têm crescido, se desmascarado e vem ganhando novos exércitos criminosos em nome do Cristo¹¹ neopentecostal. A academia atacou a capoeira quando exigiu que mestres e mestras de capoeira tivessem diploma de graduação acadêmica, assim também no episódio em que o professor de medicina da UFBA desqualifica o berimbau, instrumento da capoeira de origem angolana, associando-o ao baixo Q. I dos alunos baianos do curso ao receberem nota 2 no ENADE¹² em 2010.¹³

Qual o sentido destes ataques? Será somente por conta da resistência das nossas manifestações, racismo ou intolerância? Acredito que estes são tentáculos de algo maior. E o maior ataque está na vida. O povo africano ainda está vivo nas Américas, através de seus descendentes, mas precisamente, por meio de sua força potencializadora do devir. Parece não bastar a desgraça que a população negra é submetida cotidianamente, eles nos querem mortas e mortos. E para isso é preciso acabar com toda manifestação de vida negra, sendo impossível acabar com Exu.

No terreiro há movimento. Na capoeira há movimento! O povo preto é movimento! Porque Exu, divindade cultuada em todas as nações e religiões de matriz africana, o mensageiro do orun ao ayiê, *é princípio explicativo de mundo trasladado na diáspora que*

¹⁰ *Idem*, 2008, p. 189.

¹¹ Frase que faz referência aos “bandidos de Jesus”, organizações de homens cariocas que destroem terreiros de candomblé. Eles vêm se aliando a milícias no Rio de Janeiro para humilhar e destruir os espaços que cultuam religiões de matrizes africanas.

¹² O Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE) é um dos procedimentos de avaliação do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SiNAES), é um componente curricular obrigatório que têm por objetivo acompanhar o processo de aprendizagem e do desempenho acadêmico dos estudantes em relação aos conteúdos programáticos previstos nas diretrizes curriculares do respectivo curso de graduação, servindo de parâmetro para avaliação das instituições e cursos de nível superior.

¹³ Ver notícia em: <https://extra.globo.com/noticias/brasil/medicina-professor-da-ufba-diz-que-baianos-tem-baixo-qi-503457.html>.

*versa acerca dos acontecimentos, dos movimentos, da ambivalência, do inacabamento e dos caminhos enquanto possibilidades, é o elemento que assenta e substância as ações de fronteira, resiliência e transgressão, codificadas em forma pedagogia.*¹⁴

Após a leitura de Woodson, através da *Deseducação do negro* escrito em 1933, lamento que não tenhamos ouvido o que ele nos alerta sobre a educação como agente transformador. Carter G. Woodson (2018) *aponta de forma lúcida que a educação eurocentrada treina africanos (e seus descendentes) para serem brancos ao mesmo tempo lhes mostra a impossibilidade disso.*¹⁵ O autor compreende que para a/o negra/o serem educadas/os suas bases devem estar desarticuladas a educação branca, cujas meios devem ser de sobremaneira afrocêntrica, inspirado nos modelos de sucessos de civilizações africanas que foram estrategicamente apagadas pelos seus feitos. O autor não deixa de compreender que a formação de nível superior seja importante para a formação negra, no entanto, é preciso entender que negras e negros nunca foram educados, elas e eles foram *empurrados das escolas regulares pela porta dos fundos para obscuridade do quintal e mandados a imitar os que vêm de longe, ou foram autorizados em alguns lugares a entrar nas escolas públicas para ver como os outros educam si mesmo.*

A academia poderia, no mínimo, nos ensinar a parar de nos odiar(mos)! O legado de Woodson, assim como o candomblé e a capoeira têm nos mostrado, há muito tempo, possibilidades de educação negra, e conseqüente de emancipação, a encruzilhada é o caminho, mas Fanon, já nos informava que faz parte do mundo negro querer ser branco.

O que é representatividade? Será que esta já não se tornou a porta de saída que o mundo branco inventou? Através do dilema que devemos ocupar todos os espaços, principalmente os de poder, a revolução da estética negra, estampa as redes sociais com pessoas que transformam a sua estética em imponência cosmética. Jovens militantes se orgulham de seus *blacks power* enquanto escrevem textos propagandeando produtos que os mantém escravos/as de Narciso. Não me entendam mal, pois sei o quanto é imprescindível a aceitação do povo preto por meio da estética, o seu reconhecimento vem desse primeiro entendimento, assim como é inegável os feitos do Movimento Negro Brasileiro na nossa sociedade. Mas a tentativa de inserção social já não tem se mostrado penosa demais para continuarmos investindo nela? Até quando continuaremos usando as ferramentas do mestre para dismantelar sua própria casa? ¹⁶

¹⁴ JUNIOR, Luiz Rufino Rodrigues. Pedagogia das encruzilhadas. Revista Periferia, v.10, n.1, p. 71 - 88, Jan./Jun. 2018

¹⁵ WOODSON, Carter Godwin. A deseducação do negro / Carter Godwin Woodson. São Paulo: Medu Neter Livros, 2018. 180p. 1º edição.

¹⁶ Essa frase faz alusão a tão conhecida frase de Audre Lorde “Às ferramentas do mestre nunca irão dismantelar a casa do mestre”, proferida na conferência do New York University Institute for the Humanities em 1979, quando ela concordou em palestrar e depois percebeu que estava sendo usada como símbolo de representação negra, através dos rótulos que homogeneiza a identidade de mulher negra. O uso do fragmento “para dismantelar sua própria casa” possui ambigüidade de sentido, que por um lado faz menção a casa do mestre e por outro lado ao próprio dismantelador.